

## Uso de psicoestimulantes farmacológicos entre jovens em contexto festivo

## The use of pharmacological psychostimulants among young people in a festive context

Letícia Cerqueira Prado Silva<sup>1</sup>   
Tâmara da Cruz Piedade Oliveira<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Contato para correspondência. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil. leticiasilva22.1@bahiana.edu.br

<sup>2</sup>Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil.

**RESUMO | OBJETIVO:** Analisar o uso de psicoestimulantes farmacológicos entre jovens em contexto festivo. **MÉTODOS E MATERIAIS:** Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, realizada no município de Salvador, Bahia. A população de estudo foi composta por jovens que fazem o uso do metilfenidato ou lisdexanfetamina em contextos festivos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados segundo a técnica de análise temática de conteúdo. **RESULTADOS:** Participaram 12 jovens, com média de 27 anos, predominando o sexo masculino. O dimesilato de lisdexanfetamina (Venvanse) foi o psicofármaco mais utilizado. A aquisição ocorreu majoritariamente por meio de amigos, que também influenciaram o consumo. As experiências relatadas foram descritas como prazerosas, especialmente quando associadas ao uso de bebidas alcoólicas. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que o fenômeno estudado envolve dimensões sociais, culturais e individuais, demandando ações intersetoriais de controle, educação e redução de danos. Destaca-se o papel dos profissionais de saúde na promoção do uso racional e no cuidado voltado à proteção da saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uso Recreativo de Drogas. Adulto Jovem. Dimesilato de Lisdexanfetamina. Metilfenidato. Automedicação.

**ABSTRACT | OBJECTIVE:** To analyze the use of pharmacological psychostimulants among young people in festive contexts. **METHODS AND MATERIALS:** This study is an exploratory research with a qualitative approach, conducted in the municipality of Salvador, Bahia. The study population consisted of young individuals who use methylphenidate or lisdexamfetamine in festive contexts. Data were obtained through semi-structured interviews and analyzed using the thematic content analysis technique. **RESULTS:** A total of 12 young participants, with an average age of 27 years, predominantly male, took part in the study. Lisdexamfetamine dimesylate (Venvanse) was the most commonly used psychoactive drug. The acquisition primarily occurred through friends, who also influenced consumption patterns. The experiences reported were described as pleasurable, particularly when associated with alcohol consumption. **CONCLUSION:** It is concluded that the phenomenon studied involves social, cultural, and individual dimensions, requiring intersectoral actions for control, education, and harm reduction. Health professionals play a key role in promoting rational use and in providing care focused on health protection.

**KEYWORDS:** Recreational Drug Use. Young Adult. Lisdexamfetamine Dimesylate. Methylphenidate. Self-Medication.

## 1. Introdução

Nos últimos anos, o uso não prescrito de psicoestimulantes farmacológicos tem se configurado como um fenômeno crescente, especialmente entre jovens. Embora esses medicamentos possuam indicações terapêuticas específicas, observa-se um aumento significativo de seu consumo sem prescrição médica, motivado por diferentes finalidades, como a melhora do desempenho cognitivo, o controle do peso e a busca por maior disposição física em atividades cotidianas e, também, por motivações relacionadas ao lazer e à diversão em contextos festivos<sup>1</sup>.

Entre os principais representantes dessa classe de psicofármacos destacam-se o metilfenidato e a lisdexanfetamina, amplamente utilizados no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Esses fármacos atuam no sistema nervoso central por meio do aumento da disponibilidade de neurotransmissores como a dopamina e a noradrenalina, envolvidos nos processos de atenção, controle do comportamento e impulsividade. Tais mecanismos explicam seus efeitos terapêuticos, mas também fundamentam os efeitos estimulantes buscados em contextos de uso não terapêutico<sup>2</sup>.

Nesse cenário, pesquisas recentes têm evidenciado que o uso não prescrito de psicoestimulantes entre jovens ultrapassa o ambiente acadêmico e passa a integrar práticas de socialização e lazer, especialmente entre adultos jovens. Estudos disponíveis na literatura apontam que estimulantes prescritos, como metilfenidato e derivados anfetamínicos, vêm sendo utilizados com a finalidade de prolongar a vigília, intensificar a disposição física e potencializar experiências sociais, sobretudo em contextos festivos<sup>3,4</sup>.

Esse padrão de consumo tem sido associado à normalização do uso de medicamentos controlados como recursos para o manejo do cansaço, do estresse e das demandas sociais contemporâneas, revelando um fenômeno complexo que articula expectativas de desempenho, cultura do rendimento e práticas de autogestão do corpo<sup>5</sup>. Ademais, a combinação desses fármacos com outras substâncias psicoativas, especialmente o álcool, tem sido descrita como um fator que amplia comportamentos de risco e agravos à saúde, reforçando a necessidade de abordagens preventivas que considerem os contextos socioculturais nos quais o uso ocorre<sup>3,6</sup>.

Apesar da ampla produção científica acerca do uso clínico de psicoestimulantes no tratamento de transtornos neuropsiquiátricos, persistem lacunas relevantes quanto à compreensão de seu uso recreativo, particularmente em contextos festivos. A investigação desse fenômeno, considerando seus determinantes sociais, culturais e individuais, mostra-se fundamental para subsidiar ações de promoção da saúde, educação em saúde, vigilância e redução de danos. Considerando o exposto, este estudo teve como objetivo analisar o uso de psicoestimulantes farmacológicos entre jovens em contexto festivo.

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, realizada no município de Salvador, Bahia. A população do estudo foi composta por jovens que relataram o uso de metilfenidato ou lisdexanfetamina em contextos festivos. A opção pelo delineamento exploratório mostrou-se adequada por possibilitar maior familiaridade com o fenômeno investigado, contribuindo para torná-lo mais explícito e compreensível, bem como para aprofundar a compreensão acerca das práticas de uso de psicoestimulantes em contextos festivos. Ademais, a abordagem qualitativa permitiu explorar dimensões subjetivas, sociais e culturais relacionadas a esse padrão de consumo<sup>7</sup>.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março e maio de 2025, por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas a partir de um roteiro composto por dois blocos temáticos: (1) características sociodemográficas dos participantes e (2) questões abertas norteadoras voltadas à compreensão do uso de psicofármacos estimulantes em contextos festivos.

A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de amostragem em cadeia, do tipo “bola de neve”. Inicialmente, foram identificados informantes-chave a partir da rede de contatos pessoais das pesquisadoras, os quais indicaram outros potenciais participantes com o perfil requerido, que, por sua vez, também indicaram novos contatos. Foram adotados como critérios de inclusão: ter utilizado psicofármacos estimulantes em contexto festivo ao menos uma vez na vida e possuir idade entre 18 e 29 anos. Como critérios de exclusão, estabeleceram-se: o uso de psicoestimulantes exclusivamente para fins de estudo ou trabalho e mediante prescrição médica.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou remota, conforme a preferência dos participantes. O convite inicial ocorreu por meio de contato via aplicativo WhatsApp, ocasião em que foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura prévia. Após a manifestação de interesse, foram agendados data, horário e local para a realização das entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada participante.

As entrevistas presenciais ocorreram em locais escolhidos pelos próprios participantes, com vistas a garantir privacidade e conforto, sendo o deslocamento realizado pela pesquisadora. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos e foram gravadas com o auxílio de dois dispositivos móveis. Posteriormente foram transcritas na íntegra, preservando-se os termos e expressões utilizados pelos participantes. A análise dos dados foi conduzida segundo a técnica de análise temática de conteúdo proposta por Minayo, compreendendo as seguintes etapas: (1) pré-análise, com leitura flutuante do material; (2) exploração do material, com identificação das unidades de contexto e construção das categorias analíticas; e (3) tratamento dos resultados, com síntese interpretativa dos achados<sup>8</sup>.

O estudo foi desenvolvido em conformidade com os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sob o CAAE nº 85923225.0.0000.5544.

### 3. Resultados

A população do estudo foi composta por 12 jovens, com idades entre 23 e 29 anos e média etária de 26,7 anos. Observou-se predominância do sexo masculino (10 participantes), enquanto dois eram do sexo feminino, sendo que todos se autodeclararam cisgênero. Quanto à cor/raça autodeclarada, sete participantes se identificaram como brancos, dois como amarelos e três como pardos.

Em relação à escolaridade, cinco participantes possuíam ensino superior completo, sendo que um deles referiu também formação em nível de especialização; três participantes informaram estar cursando

o ensino superior no momento da pesquisa e quatro apresentavam ensino médio completo. No que se refere à renda mensal, seis participantes relataram rendimentos entre três e seis salários mínimos, três até três salários mínimos e três acima de seis salários mínimos. Todos os participantes relataram ter usado dimesilato de lisdexanfetamina, enquanto apenas dois referiram ter utilizado o metilfenidato em contexto festivo.

Os resultados das entrevistas foram organizados em duas categorias analíticas: (1) Primeiro contato e vias de acesso: contextos de iniciação ao uso de psicoestimulantes em festas; e (2) Entre alertas e precauções: efeitos adversos e práticas de gestão do uso.

#### 3.1 Primeiro contato e vias de acesso: contextos de iniciação ao uso de psicoestimulantes em festas

Em relação à forma de aquisição dos medicamentos, os relatos evidenciaram que o acesso ocorre principalmente de forma informal, por meio de amigos que possuem prescrição ou que repassam contatos de farmácias que vendem sem receita. Alguns participantes relataram ter recebido os medicamentos diretamente em festas, de forma gratuita ou por compra direta a terceiros no próprio ambiente celebrativo.

*Sempre me oferecem em festa, é algo que hoje em dia todo mundo tá usando (E6).*

*Geralmente alguém tem em festa e me dá, ou antes de ir pra alguma festa, eu peço um comprimido pra algum amigo que eu sei que tem e levo comigo pra tomar na hora (E7).*

*Na primeira vez que eu tomei, um amigo me ofereceu. Mas depois de um tempo comecei a comprar em festa mesmo. Tem gente que vende o comprimido (E11).*

Quanto à primeira experiência com o uso desses medicamentos em festas, a maioria descreveu efeitos positivos como aumento da energia, euforia, resistência física prolongada, melhora no humor e sensação de controle da embriaguez. Foi recorrente o relato de que, ao consumir os psicoestimulantes, os participantes bebiam menos álcool, mas sentiam os efeitos da festa de forma mais intensa. Esse padrão sugere uma funcionalidade atribuída ao medicamento, como possível potencializador da vivência prazerosa festiva.

*“Experiência incrível, repetiria por mais vezes, ajuda bastante a controlar o nível de embriaguez” (E1).*

*“Rapaz, eu tava eufórico, a vida era linda, falava demais com todo mundo, energia infinita” (E12).*

*“Muito boa, senti que eu tinha energia pra mil horas de festa. E de certa forma é até econômico, não precisei ficar comprando bebida toda hora pra me animar” (E11).*

### **3.2 Entre alertas e precauções: efeitos adversos e práticas de gestão do uso**

Apesar da predominância de relatos positivos, alguns participantes descreveram efeitos colaterais significativos. Entre os efeitos indesejados mais citados estão insônia prolongada, sudorese excessiva, sensação de pressão baixa e necessidade de uso de medicamentos ansiolíticos para reverter o estado de excitação. Tais efeitos, embora não tenham afastado os participantes do uso, foram reconhecidos como sinais de alerta, principalmente quando associados ao uso frequente ou em dosagens elevadas.

*“Uma vez ao utilizar 2 venovanses de 70mg suei frio e senti a pressão baixa” (E1).*

*“(Efeito) Indesejado de passar mal, não. Mas eu fiquei quase dois dias sem conseguir dormir, tive que tomar Rivotril” (E6).*

*“Na festa, no meio da loucura, não. Só depois, no dia seguinte que não consegui dormir e na segunda-feira fui virado pro trabalho” (E12).*

Quando questionados sobre os cuidados relacionados ao uso dos medicamentos, muitos demonstraram algum grau de conhecimento sobre os riscos, especialmente sobre a mistura com álcool e o potencial de dependência. No entanto, esse conhecimento não se refletiu, na maioria dos casos, em práticas de prevenção efetiva. Alguns entrevistados relataram adotar estratégias subjetivas de controle, como limitar a quantidade de comprimidos ou restringir o uso a ocasiões especiais, embora também admitissem que essas práticas não são seguidas de forma sistemática.

*“Não tenho muito, porque às vezes uso com álcool. Mas conheço os cuidados e evito tomar em excesso” (E2).*

*“O que eu sei é que é usado para quem tem diagnóstico de TDAH, não se deve automedicar, mas um cuidado a se tomar é não tomar uma quantidade maior do que precisa, e tomar cuidado para não se viciar, por que tem gente que vive a base disso todo dia, muitos médicos inclusive, e quando para de usar já soube que tem um efeito rebote no primeiro momento, já que o corpo estava acostumado com a energia e foco lá em cima” (E3).*

*“A única coisa que eu sei é que não pode tomar com álcool, mas todo mundo toma e nunca vi acontecer nada com ninguém” (E7).*

## **4. Discussão**

A análise dos depoimentos dos doze participantes entrevistados revela nuances importantes sobre o uso de psicoestimulantes farmacológicos. Os dados coletados apontam para um padrão comum de uso recreativo associado ao desejo de prolongar a energia, aumentar o estado de alerta e reduzir os efeitos inibidores do álcool durante festas. Desse modo, esses medicamentos, originalmente destinados ao tratamento do TDAH, têm sido ressignificados em espaços sociais como potenciadores do desempenho festivo e do prazer, mesmo entre indivíduos que não possuem prescrição médica.

A predominância de jovens autodeclarados brancos pode ser compreendida à luz das desigualdades raciais que atravessam o acesso a bens, serviços e práticas de consumo no contexto brasileiro. A literatura atual evidencia que o uso de psicoestimulantes farmacológicos entre jovens é influenciado por fatores socioeconômicos, raciais e educacionais, sendo mais prevalente entre jovens brancos inseridos no ensino superior<sup>9,10</sup>. A predominância de participantes de estratos socioeconômicos mais favorecidos também pode estar relacionada ao elevado custo desses medicamentos, especialmente no mercado sem prescrição médica. Além disso, normas de gênero influenciam a percepção e o manejo dos riscos, com homens tendendo a minimizá-los, o que pode favorecer comportamentos de risco em contextos festivos sem comprometer a adesão ao consumo como estratégia de sociabilidade e desempenho<sup>11</sup>.

Cabe destacar aqui que, embora a associação com a bebida alcoólica tenha sido frequentemente referida pelos participantes, estes apontam para o uso dos fármacos enquanto estratégia para redução do consumo de álcool. Nesse sentido, estudos recentes mostram que o consumo de álcool entre jovens adultos tem apresentado tendência de redução em diversos contextos socioculturais, em comparação a gerações anteriores. Essa queda tem sido atribuída a fatores como maior conscientização sobre os riscos à saúde associados à substância, mudanças nas normas sociais de socialização e maior valorização de estilos de vida mais saudáveis, refletindo uma mudança de comportamento epidemiológico na juventude contemporânea<sup>12</sup>.

A facilidade de acesso aos psicofármacos reflete aspectos socioculturais contemporâneos resultantes da combinação entre fiscalização insuficiente, políticas fragmentadas que favorecem a comercialização irregular desses medicamentos e a expansão da prática da automedicação<sup>13</sup>. Esses elementos articulam-se, ainda, ao fenômeno da medicalização da vida, por meio do qual dimensões sociais, culturais e subjetivas da existência passam a ser progressivamente enquadradas como objetos de intervenção biomédica. Nesse contexto, os psicofármacos passam a ocupar lugar central como recursos para ampliar a produtividade, aumentar a resistência física e promover sensações de bem-estar em diferentes contextos de socialização, incluindo o lazer e as festas<sup>14</sup>. É nesse cenário que se inscrevem as experiências subjetivas relatadas pelos participantes, cujas narrativas enfatizam sensações positivas, reproduzindo um discurso de otimização do corpo característico de contextos contemporâneos marcados por elevadas exigências de desempenho, produtividade e aparência<sup>15</sup>.

Nesse processo de resignificação do uso, os psicoestimulantes farmacológicos passam a ocupar um lugar ambíguo nos contextos festivos, situando-se em uma zona limítrofe entre medicamento e substância recreativa. À medida que seu consumo se desvincula da finalidade terapêutica e se orienta prioritariamente pela produção de efeitos desejados, esses fármacos passam a ser incorporados às dinâmicas de consumo típicas de festas e eventos sociais, aproximando-se das lógicas que organizam o uso de outras drogas psicoativas<sup>3,6</sup>.

Nessa perspectiva, o estatuto simbólico do medicamento é progressivamente reconfigurado, cedendo espaço à experiência coletiva do uso, mediada por pares, normas informais de circulação e expectativas de desempenho social, o que contribui para a banalização dos riscos e para a naturalização do consumo não terapêutico<sup>10,16</sup>. Ademais, é importante considerar que o uso não prescrito desses psicoestimulantes está associado à ocorrência de efeitos adversos, como insônia, taquicardia, ansiedade, irritabilidade e risco de dependência, especialmente quando combinados ao álcool, o que reforça a necessidade de problematização e alerta quanto aos riscos dessa prática<sup>10,17</sup>.

Desse modo, o uso de psicoestimulantes farmacológicos em contextos festivos entre jovens não pode ser compreendido apenas como uma prática individual ou desviante, mas como um fenômeno socialmente produzido, inscrito em dinâmicas contemporâneas que articulam medicalização da vida, cultura do desempenho e valorização da produtividade do corpo. Tal contexto desafia abordagens tradicionais centradas exclusivamente no modelo biomédico ou normativo, exigindo leituras que considerem os contextos socioculturais nos quais essas práticas se constroem e se legitimam.

Entre as limitações do presente estudo, destaca-se o uso da técnica bola de neve, que, embora eficaz para alcançar participantes de difícil acesso, pode introduzir um viés de seleção e reduzir a diversidade da amostra<sup>4</sup>, o que deve ser considerado na interpretação dos achados e na extrapolação dos resultados para outros contextos.

## 5. Conclusão

Este estudo evidenciou que o uso de psicoestimulantes farmacológicos em contextos festivos entre jovens ocorre predominantemente de forma recreativa, associado ao desejo de prolongar a energia, aumentar o estado de alerta e intensificar a experiência festiva, frequentemente em concomitância com o consumo de álcool. Medicamentos originalmente indicados para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) têm sido resignificados como potenciadores do desempenho social e do prazer, com acesso majoritariamente por vias informais, mediadas por redes de amigos.

A caracterização sociodemográfica da amostra revelou predominância de homens jovens, autodeclarados brancos, com escolaridade média a elevada e renda em faixas intermediárias, evidenciando a influência de determinantes sociais no acesso e na normalização do uso não terapêutico de psicoestimulantes. As narrativas apontaram ainda uma lógica de “uso consciente”, baseada em estratégias subjetivas de controle que não se traduzem em práticas efetivas de prevenção, sobretudo diante do uso concomitante com álcool.

Conclui-se que o uso recreativo de psicoestimulantes em contextos festivos constitui um fenômeno complexo, permeado por dimensões sociais, culturais e individuais. A banalização do consumo e a fragilidade na percepção dos riscos reforçam a necessidade de políticas públicas, ações de conscientização e intervenções educativas voltadas à redução de danos, bem como estratégias de cuidado, especialmente no campo da enfermagem, que promovam o uso racional de medicamentos e a proteção da saúde coletiva.

#### Declaração de uso de IA

Os autores declaram ter utilizado a ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT exclusivamente para apoio na revisão gramatical, aprimoramento da clareza textual e adequação linguística do manuscrito. Não houve utilização da ferramenta para análise de dados, interpretação de resultados ou produção de conteúdo científico original. Todo o conteúdo foi revisado e validado integralmente pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo manuscrito.

#### Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

#### Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

#### Indexadores

A Revista *Enfermagem Contemporânea* é indexada no [DOAJ](#) e [EBSCO](#).



#### Referências

1. Cardoso MVB. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade e as vendas crescentes de psicoestimulantes [trabalho de conclusão de curso] [Internet]. Itumbiara (GO): Universidade Estadual de Goiás; 2023. 26 f. Disponível em: <https://repositorio.ueg.br/jspui/handle/riueg/4626>
2. Lopes JV, Mattos IBF, Lagares ACR, Sousa AKP, Albuquerque JR, Silva Neto A, et al. Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. *Braz J Implantol Health Sci*. 2024;6(8):1891-906. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p1891-1906>
3. Han B, Jones CM, Volkow ND, Rikard SM, Dowell D, Einstein EB, et al. Prescription stimulant use, misuse, and use disorder among US adults aged 18 to 64 years. *JAMA Psychiatry*. 2025;82(6):572-81. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2025.0054>
4. Fairman RT, Vu M, Haardörfer R, Windle M, Berg CJ. Prescription stimulant use among young adult college students: who uses, why, and what are the consequences? *J Am Coll Health*. 2021;69(7):767-74. <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1706539>
5. Santos MEVB, Gato LS, Peruche PRCM, Megiani IN, Pastrelo ES, Machado ALP, et al. Uso de metilfenidato e lisdexanfetamina por universitários da área da saúde: uma revisão bibliográfica. *Rev Corpus Hippocraticum* [Internet]. 2023;2(1). Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/851>
6. LeClair A, Kelly BC, Pawson M, Wells BE, Parsons JT. Motivations for prescription drug misuse among young adults: considering social and developmental contexts. *Drugs Educ Prev Policy*. 2015;22(3):208-16. <https://doi.org/10.3109/09687637.2015.1030355>
7. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 5a ed. São Paulo: Atlas; 2007.
8. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12a ed. Rio de Janeiro: Hucitec; 2010.
9. Rodrigues LA, Viana NAO, Belo VS, Gama CAP, Guimarães DA. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. *Cad Saude Colet*. 2021;29(4):463-73. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129040437>

10. Nasário BR, Matos MPP. Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. *Psicol cienc prof.* 2022;42:e235853. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235853>
11. Gueiros JEC, Silva JCB, Brasilino JCB, Cardoso FS. Masculinidades e práticas de cuidado: uma revisão integrativa sobre a PNAISH e seus possíveis atravessamentos na saúde dos homens. *REMUNOM.* 2026;1(2):1-18. <https://doi.org/10.61164/sg7xge76>
12. Abreu MNS, Eleotério AE, Oliveira FA, Pedroni LCBR, Lacena EEO. Prevalência e fatores associados ao consumo excessivo episódico de álcool entre adultos jovens brasileiros de 18 a 24 anos. *Rev Bras Epidemiol.* 2020;23:e200092. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200092>
13. Martins MAF, Scherer MDA, Lucchese G. Vigilância e controle de medicamentos abaixo do padrão, falsificados e não registrados: revisão integrativa. *Rev Panam Salud Publica.* 2022;46:e36. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2022.36>
14. Amarante P. Medicalização em psiquiatria. In: Amarante P, Pitta AMF, Oliveira WF, organizadores. *Patologização e medicalização da vida: epistemologia e política.* São Paulo: Zagodoni Editora; 2018. p. 25-44.
15. Han BC. Para além da sociedade disciplinar. In: Han BC. *Sociedade do cansaço.* Petrópolis (RJ): Vozes; 2019. p. 23-30.
16. Conrad P. The shifting engines of medicalization. *J Health Soc Behav.* 2005;46(1):3-14. <https://doi.org/10.1177/002214650504600102>
17. Silva AS, Kuhn FT, Machado LAO. Análise dos efeitos adversos do uso off-label do metilfenidato por estudantes para aperfeiçoamento cognitivo: uma revisão integrativa. *Rev Saude.* 2022;13(2):22-5. <https://doi.org/10.21727/rs.v13i2.3179>